

O futuro já era

texto de sibylle berg

encenação de peter kleinert

música de chullage

interpretação de

cecília borges

chullage

diana linguica

diogo bach

erica rodrigues

inês saramago

jacinta alves correia

1 a 24 de Março

quinta a sábado às 21h

quarta e domingo às 16h



Menos *likes*, mais amor!

O futuro já era, baseada no romance *GRM – Brainfuck*, de Sibylle Berg, é a primeira produção de 2024 da Companhia de Teatro de Almada. Esta obra marca o regresso do encenador alemão Peter Kleinert à CTA, e conta com música ao vivo de Chullage.

Estamos em Rochdale, uma cidade no Noroeste desindustrializado de Inglaterra, onde a decadência social se manifesta na pobreza, violência, abuso e desespero. Quatro jovens — Don, uma rebelde obcecada pelas artes marciais; Peter, um rapaz polaco traumatizado; Karen, uma rapariga albina; e Hannah, uma órfã de Liverpool — compartilham um ódio pela realidade em que vivem, uma paixão pelo *grime* (o estilo musical sucessor do *punk* como expressão dos marginalizados), e uma determinação em vingar-se dos responsáveis pela sua miséria.

Em *O futuro já era* abordam-se algumas problemáticas actualmente debatidas em todo o Mundo: aonde nos irão levar as alterações climáticas, a inteligência artificial, a ascensão do populismo de extrema-direita e a expansão inexorável da vigilância constante? Eis um libelo implacável contra a desumanização da sociedade contemporânea.



Sibylle Berg nasceu em Weimar, viveu com uma família de acolhimento em Constanta, e mais tarde também em Israel e na Alemanha. Considera-se parte do movimento *straight edge* e identifica-se como não-binária. É uma das dramaturgas contemporâneas mais reconhecidas no mundo de língua alemã. Até ao momento tem publicadas 27 peças de teatro, 15 romances, numerosas antologias, e várias peças de teatro radiofónico. A sua obra está traduzida em 34 línguas. O seu último romance, *GRM – Brainfuck*, valeu-lhe a atribuição do Prémio para Melhor Livro Suíço do ano. Em 2020 recebeu o Grand Prix Littérature, o mais alto prémio literário atribuído na Suíça, pelo conjunto da sua obra.



Peter Kleinert, encenador e dramaturgista alemão, trabalhou nas décadas de 70 e 80 com Peter Schroth. Em 1982 ambos dirigiram *A excepção e a regra*, de Bertolt Brecht, para a Companhia de Teatro de Almada. Após a reunificação de Alemanha, tornou-se professor na renomada Academia de Teatro Ernest Busch, dirigindo habitualmente espectáculos na Schaubühne de Berlim, uma das mais renomadas companhias de teatro europeias. Como encenador, trabalhou em Sidney, Pittsburgh, Glasgow, Lyon e Salzburgo. Em 2018 regressou a Almada para dirigir *A boa alma de Sé-Chuão*, também de Bertolt Brecht, e em 2022 encenou *Noite de Reis*, de William Shakespeare.



Chullage, também conhecido como Xullaji ou Prétu, é o nome artístico de Nuno Santos, um *rapper* português nascido no Monte da Caparica e filho de pais cabo-verdianos. É licenciado em Sociologia, activista e criador de uma associação de apoio social na Arrentela, bem como do Estúdio da Bela Vista, em Setúbal. O seu quarto álbum, *Prétu 1 – Xei de Kor*, lançado em Setembro do ano passado, foi considerado o segundo melhor álbum do ano pelo jornal *Público*, e um dos 50 melhores discos do ano pelo *Expresso/Blitz*. Colabora pela primeira vez com a Companhia de Teatro de Almada, compondo a música e as letras dos temas interpretados ao vivo neste espectáculo.

Texto Sibylle Berg **Encenação** Peter Kleinert **Música** Chullage **Tradução** Bruno C. Duarte **Cenografia** Céline Demars

Figurinos Ana Paula Rocha **Desenho de luz** Guilherme Frazão **Assistência de encenação** Nicole Alves **Dramaturgia** Paulo Rêgo

Interpretação Cecília Borges • Chullage • Diana Linguíça • Diogo Bach • Erica Rodrigues • Inês Saramago • Jacinta Alves Correia

Os cyborgs na era da *in*foxicção

No ensaio intitulado *Infoxicção*, publicado recentemente em Espanha, Margot Rot (n. 1997), uma ‘nativa digital’, convida-nos a reflectir sobre a relação existente entre as experiências emocionais que vivemos através dos ecrãs dos computadores e telemóveis, e a criação das nossas próprias identidades. Uma abordagem filosófica ao chamado ‘presente tecnológico’. O conceito de *in*foxicção permite-nos avaliar as consequências, para as nossas vidas, da catadupa de informação que quotidianamente nos assola através dos meios digitais.

O termo *cyborg* tem origem no *Manifesto cyborg*, de Donna Haraway, que propõe a abolição de quaisquer dualidades encaradas em termos cartesianos, tais como corpo/mente, homem/mulher, realidade/ficção — e por aí fora. Mas não se passa a ser um *cyborg* apenas pela recusa do dualismo da figuração identitária. É-se um *cyborg* quando se passa a pertencer simultaneamente a dois estratos da realidade — a *offline* e a *online* —, graças, evidentemente, aos dispositivos tecnológicos através dos quais convivemos e que nos permitem habitar ambas essas esferas simultaneamente.

As nossas existências são híbridas. Somos organismos de máquina. Temos uma psique de máquina. Um desejo de máquina. Habitamos simultaneamente as realidades *online* e *offline*. A virtualização é a condição de possibilidade através da qual nos constituímos identitariamente através de plataformas digitais, em redes sociais. A nossa condição de *cyborgs*, uma condição nómada, torna claro que as categorias da percepção e da sensibilidade se transformaram: tempo e espaço transformaram-se numa abstracção digital, numa matéria de interface. Temos corpos tecnomateriais, e levamos existências tecnoculturais. Quiçá pela primeira vez, certamente *antinaturais*. (...)

Possuímos mecanismos de adaptação, defensivos, evolutivos, que nos instam ao esquecimento: será que não estamos a sofrer uma saturação informativa e, em consequência, que os nossos mecanismos de recordações se estão a alterar e a começar a deixar de reter? Porque: como é que havemos de saber aquilo que é verdadeiramente importante no meio de todo esse cúmulo de informação? E como é que havemos de deixar que os nossos sistemas afectivos sintam toda essa exaltação afectiva de outros e de nós próprios? Como habitar

o mundo sentindo todas as imagens de morte, horror, guerra e trauma, se nos desconectamos delas? Como integrar todos os conhecimentos, notícias, artigos, e palavras de amabilidade de outros na nossa cadeia de afectos? (...)

O termo *in*foxicção consiste num conceito que remete para a intoxicação por abundância de informação. Trata-se de uma palavra criada em 1970 por Alvin Toffler na sua obra *O choque do futuro*. Toffler dedica os seus livros às consequências da digitalização do mundo, da virtualização das nossas existências. Fala do *choque* do futuro. Fala de soldados. E de como os soldados têm sérias dificuldades de integração social após se depararem com fenómenos de horror, que não foram capazes de integrar nas suas constituições afectivas. Os soldados com ‘stress pós-traumático’ revivem aquilo que os atravessou. Nós sentimos um medo constante, estamos alerta, os nossos corpos são corpos de ansiedade. (...)

A ‘infoxicção’ consiste na sobrecarga de estímulos, de informação. Na saturação. Na impossibilidade de nos relacionarmos afectivamente com tudo o que acontece. A crise climática, essa dissonância cognitiva de que parece que sofremos, pode ser analisada a partir desse ponto de vista. O fracasso das nossas reivindicações políticas, incapazes de sobreviver às semanas, aos dias; o fracasso das nossas vontades políticas, incapazes de vincular-se activamente à resolução de dados provados cientificamente — podem ser entendidos a partir deste conceito.

Definitivamente, temos a grande vantagem de dispor de uma rede de conhecimento e de afectos global. Não é gratuita: é nela que os nossos dados são comercializados, mas nós não parecemos preocupar-nos muito com isso. E poderemos importar-nos? Será que dispomos dos mecanismos afectivos para prestar atenção ao horror e à vigilância que está na base do lucro do sistema da capitalização da informação e da comercialização de dados em rede?

Será que estamos todos ‘infoxicados’? E, se estamos, se as nossas memórias correm o perigo de ter que esquecer grande parte do que nos acontece para não caírem na apatia, na depressão ou na ansiedade — então, como enfrentar o dia de amanhã, se não podemos acudir afectivamente a tudo?

Margot Rot

De 1 a 24 de Março

Quinta a sábado às 21h • Quarta e domingo às 16h

Sala Experimental • M/14

6.50€
Preço especial
para grupos

Informações e reservas: Carina Verdasca e Pedro Walter: 96 496 00 05 • publico@ctalmada.pt

Teatro Municipal Joaquim Benite: Av. Prof. Egas Moniz - Almada • Telf.: 21 273 93 60 • www.ctalmada.pt • geral@ctalmada.pt

O milénio começou pessimamente. Não houve nenhum bug informático. Foi na altura em que o Facebook estava em grande. Com uma rapidez incrível, as pessoas ficaram viciadas nos likes de gente que não conheciam. Os jovens ficaram viciados na excitação que sentiam com aquela mistura de bullying, violência e sexo. Era o tempo em que à crueldade real das pessoas se veio ainda juntar a crueldade virtual. Era o tempo antes de alguma coisa.

IN *O FUTURO JÁ ERA*, TRADUÇÃO DE BRUNO C. DUARTE